

68

9
r. Alberto Souto

O seu espírito,
o seu carácter
e a sua obra.

bibRIA



— AVEIRO —

Tipografia Minerva Central

1934

ECA

.75

17883

Reg. n.º 8468

Dr. Alberto Souto

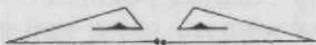
Handwritten notes:
1
2
3
4
5
6
7
8
9
10
11
12
13
14
15
16
17
18
19
20
21
22
23
24
25
26
27
28
29
30
31
32
33
34
35
36
37
38
39
40
41
42
43
44
45
46
47
48
49
50
51
52
53
54
55
56
57
58
59
60
61
62
63
64
65
66
67
68
69
70
71
72
73
74
75
76
77
78
79
80
81
82
83
84
85
86
87
88
89
90
91
92
93
94
95
96
97
98
99
100

O seu espírito,
o seu carácter
e a sua obra :::

bibRIA



FUNDO
LOCAL



008468

===== AVEIRO =====
Tipografia Minerva Central
===== 1934 =====

Dr. Alberto Souto

9

Yaine del ag. ling.

O seu espírito
o seu carácter
e a sua obra

bibRIA

AVIRO
Tipografia Minerva
1934

*Alocução proferida na sessão solene
de 22 de Julho de 1933, em Aveiro,
para imposição das insígnias de Comen-
dador da Ordem de Santiago com que
o Senhor Dr. Alberto Souto foi agracia-
do por Sua Excelência o Senhor Presi-
dente da República.*

Senhor Presidente,
Minhas Senhoras,
Meus Senhores,

Senhor Dr. Alberto Souto:

Perdão! Perdão! Perdão! .. E' a única pa-
lavra que posso pronunciar com segurança de con-
tentar a consciência, usando agora da palavra neste
lugar, em seguida aos discursos primorosos, tão bri-
lhantes como justos, que acabamos de aplaudir ca-
lorosamente ao Senhor Dr. Mendes Correia e ao Se-
nhor Dr. Querubim do Vale Guimarães.

Sómente pela estreita comunhão de uma de-
voção fervorosa que nos une e iguala nesta home-
nagem ao Senhor Dr. Alberto Souto, sómente pela
abundância com que desta fé participo me será da-
do alcançar o perdão da minha ousadia.

Confiadamente o imploro e espero da vossa
generosidade.

Porque a eloquência do Senhor Dr. Querubim do Vale Guimarães há muito é um dogma e, se não o fôra até hoje, se-lo-ia de hoje em diante, depois da oração impecável que tivemos a fortuna de lhe ouvir neste momento; e o Senhor Dr. Mendes Correia, homem de ciência notabilíssimo, de experimentados e vastíssimos talentos, saber profundo e esplêndida e consumada arte, tem sido e é—honra lhe seja e glória da nossa gente e do nosso tempo! —tem sido e é o fiador aceite e fidelíssimo da capacidade científica da nação portuguesa perante o estrangeiro, o qual, mercê de tão poderoso intérprete, no-la tem reconhecido claramente.

Peregrino exausto, já no extremo da vida, se a vida é um frouxo respirar em atmosfera descoberta, de qual há muito a claridade desertou; reduzida pela senectude à indigência a pobreza nativa de faculdades do corpo e do espírito que eficazmente determinassem uma franca actividade de bem-querer e bem-fazer; nesta condição de invalidez sem remédio em que os anos me precipitaram e surdo à instância dos seus avisos, a êste logar de devoção me encaminhei e cheguei, arrastadamente. Aqui vim, muito e sem duvida pelo grato dever de louvar o mérito e lhe prestar a homenagem que na minha debilidade nunca poderei significar tal qual em consciência a sinto, e certamente porque a minha humildade não foi tão firme que tivesse a coragem de declinar a honra, que me foi proposta, de saudar o homem, por tantos títulos eminente, que è o Senhor Dr. Alberto Souto. Porque em tal comércio, se alguma cousa que lhe pode ser querida recebe quem se digna aceitar o tributo da nossa plena admiração, o melhor quinhão será o daqueles que em admiração se exaltando têm a fortuna de não a vêr regeitada

pela eminência à qual a rendem. Dêste modo se incorpora na grandeza alheia a modéstia dos que comovidamente se erguem a saudá-la.

O govêrno da Republica, na distribuição das suas graças fazendo justiça aos raros talentos do Senhor Dr. Alberto Souto e considerando a magnitude dos seus serviços á pátria portuguesa e, particularmente, a dedicação tenaz e inteligente que com êxito brilhante sua Ex.^a tem empenhado em fortalecer e engrandecer o espírito da terra mais próxima do seu berço e da gente mais estreitamente afim do seu sangue, houve por bem distinguir o Senhor Dr. Alberto Souto, attribuindo-lhe o grau de Comendador da Ordem de Santiago; e nós em a nossa alegria e caloroso aplauso por vermos proclamados pelos poderes do Estado os dotes e virtudes de tão illustre filho da nossa terra, aqui nos juntamos a pedir a quem por tal forma encontra consagrada a sua nobilissima jornada que nos permita pôr ao seu peito, para que as use, as insígnias, não só da sua dignidade, mas também, porque as nossas mãos e o nosso coração as aqueceram, do nosso aerisolado respeito e carinho.

Aqui, como em tôda a já longa carreira do Senhor Dr. Alberto Souto, a sua nobreza será comunicativa; onde pela sua natural elevação se ergue acima do comum, aí ergue o comum á sua altura pelas bençãos que ao comum derrama e o enriquecem e exaltam. Nesta comunhão se glorifica e nos glorifica, e nós, nunca podendo participar dos seus talentos, ficaremos contentes se podermos ser seus irmãos nas afeições que esses talentos excepcionais inflamaram e fecundaram copiosamente, facultando-nos um succulento e vivificante banquete.

Orador brilhante, em muitas batalhas experimentado, de continuo servindo nobres causas e por

nobilísimos impulsos instigado; poeta, de finíssima sensibilidade, a todas as graças atento, sollicitamente lhes ofertando coroas votivas de arte primorosa e um culto ardente; homem de ciência, geólogo e etnógrafo sagacíssimo, observador consciencioso e intérprete seguro e acautelado, e, entretanto, sem preterição da actividade cintilante do seu espírito, homem prático, capaz das mais pacientes criações reais, em que transponha e nos revele, em formas tangíveis, a beleza etèrea que nelas se encorporam:—todo êste fulgir de alampadas e irradiações do saber e da arte nos fascina, se lançamos os olhos atentos pela estrada larga que o Senhor Dr. Alberto Souto tem percorrido com firmeza e destreza invariáveis e invariavelmente robustas em todos os seus passos. Em todos eles acendeu nutridos fachos que nos atraem e nos iluminam numa extensão infinita o horizonte, enquanto de perto lhes sentimos o seu poder benéfico de fortalecimento e de deleite. E estes são os ramos vicejantes e olorosos dos louros com que por nossas mãos trémulas vimos a entretecer as palmas de triunfo das quais nos tornamos portadores, confiando que o Senhor Dr. Alberto Souto nelas receberá, sómente pelo que dêle dimana e elas encerram as julgando dignas daquele a quem submissamente as trazemos.

Do orador vigoroso que tornou conhecido, aplaudido e querido o Senhor Dr. Alberto Souto, não só dentro dos muros da cidade que é a sua morada predilecta e êle pela sua assistência ilustra. mas também, muito além dêste estreito recinto, onde quer que o público mais exigente e mais competente escute a magia da sua voz, dêsse orador notável, escusado será apontar as qualidades de fogosa beleza que lhe criaram a sua larga fama inabalável. São-nos familiares, sem por isso cessarem de nos tocar viva-

mente; há vinte anos que nos habituamos a encontra-las sem desfalecimento no Senhor Dr. Alberto Souto, sempre que a grandeza de uma ideia ou a homestidade de uma aspiração nos apaixonassem e procurassem interessor bastante que as exprimisse e protegesse em seus anseios de vitória. Nunca em semelhantes lances faltou ao toque do clarim que a invocasse a eloquência impetuosa do crente que é o Senhor Dr. Alberto Souto, e nunca também essa eloquência, por apaixonada que se mostrasse, perdeu a elegância e a harmonia ática que a distingue, vibrando a um tempo, feliz condão, ponderação e robustez, arrôjo e prevenção.

Ao poeta quiséramos dedicar uma lápide que em letras de ouro assegurasse á geração presente e aos vindouros a pureza cristalina do estro que canta nas obras do Senhor Dr. Alberto Souto,—em todas as suas obras, naquelas intencional e propriamente destinadas a exprimir as suas emoções estéticas como até mesmo em outras de carácter rigorosamente intelectual, parecendo obedecer unicamente á razão. Estas mesmo se adornam com a insinuação amiudada de laivos subtís daquela poesia imanente que de contínuo anima a actividade do pensador e do construtor do sistema lógico dos conceitos.

Quiseramos marcar com letras de ouro o rasto dêste poeta que por suas vias nos leva às cidades etéreas que êle habita, onde nos seus templos nos baptiza e nos abre lugar para lhe repetirmos a prece inspirada. Mas eis que alguém nos toma o passo e nos precede nesta piedosa devoção e é o próprio poeta, mt.º provavelmente quando na sua singeleza mal o cuidava, é o próprio poeta que a sua memória esculpiu e no-la oferece, à nossa meditação, na *Historia e Drama e Graça da Agua*—

poema magnífico, epopeia soberba, á qual uma divindade prodigiosa preside e pela presença dos seus feitos soberbos e suas lutas, e pela união das graças que nos derrama, absolutamente nos encanta e enleva. Quanto na água se contem,—e é incomensurável e indizível—tudo neste opulento poema se condensa e revive e é de novo criado, para mais acessível se tornar á nossa contemplação e ao nosso entendimento. Tudo. O mistério da água na sua energia indomável de edificação e de ruina, as benções da sua fecundidade e a crueldade dos seus flagelos, as suas peregrinações e os seus triunfos e as suas derrotas, contrariedades e esforços que as vencem, orvalhos diamantinos e ondas alterosas, veus da névoa que nos velam a face do mundo, grinaldas de aljôfres que coroam os montes ao despontar da manhã, quanto a água ostenta e nos manda em jorros de luz e do dominio, tudo se contem e vibra, ora suave ora severo, nas estrofes daquele poema. Não sei eu dizer-lo que isso não cabe na mediocridade vulgar á qual pertence, mas sinto-o porque o milagre do poeta no-lo revela.

Ao pousar a lira, modulando as derradeiras estâncias da odisseia da *Água*, o Poeta exclama:—
«Como poderia eu, filho de uma terra que tanto quero, adoro e amo, exactamente por causa da sua ria, do seu mar, da sua água, que me encanta e me seduz, me enebria e me alucina, como poderia eu esquecer a *Água* e não sentir a sua beleza e não cantar a sua graça e não agradecer os seus dons e não impetrar os seus benefícios e não desejar os seus tesoiros e não chamar ao seu culto todo o povo meu irmão?!...»

Mas logo novas divindades lhe reclamam o sacerdócio, uma inquietação interior o agita e lhe proíbe o repouso no éxtase, glorioso e bem ganho

que o haja conquistado, e agora a curiosidade do naturalista e a fé na proficuidade das suas lições o encaminham aos montes e aos cerros onde perduram os vestígios do labor das raças e das habitações primitivas, onde as rochas nos contam as suas revoluções e o seu poder nas obras e na alma dos homens, e então teremos o feixe abundante dos muitos capítulos da obra científica do Senhor Dr. Alberto Souto, qual dêles o mais educativo, então o poeta mudou-se em mestre e é o autor das *Origens da Ria de Aveiro*, e da *Etnografia da Região do Vouga*, e de *A Estação arqueológica de Cacia* e das *Marmitas da eolianas na Serra da Estrela*, e de dezenas de notas etnográficas e arqueológicas que em larga sementeira traz espalhadas por publicações fragmentárias, às quais por nossa pena e mal do nosso país as fadigas do estudioso não consentiram ordenar em forma de menos contingente guarda que a da sua dispersão actual, por demais precária.

Mal, porém, o investigador se aparta do contacto das antiguidades milenárias que são as raízes profundas da nossa vida social, imediatamente lhe sucede, por efeito de uma actividade insaciável dos bens legítimos dos nossos olhos e do nosso espirito, o homem positivo e prático que o Senhor Dr. Alberto Souto tem sido e é, incansavelmente. Para nossa instrução e salutar deleite, é êle quem nos coordena e expõe as obras de arte e as relíquias históricas que felizes e bem inspiradas diligências coligiram e hoje formam o tesouro que essas diligências nos doaram e dia a dia é acrescentado e esclarecido, mercê do zêlo constante do Senhor Dr. Alberto Souto.

Nessa tarefa, como director do Museu Nacional de Aveiro, uma qualidade singular, e de frutos

ótimos, distingue o Senhor Dr. Alberto Souto; e é que pela disposição que deu ás obras de arte sob o seu govêrno, simplesmente pela boa escolha e esmero do lugar em que as recolheu, só por isso e mais uma vez se mostre artista primoroso; à arte do passado e reflectivamente a usando, sobrepôs uma arte de apresentação daquelas joias que lhes duplica a significação e o valor estético e lhes realça largamente o enlêvo pelo qual nos cativam.

Por um abençoado consórcio, aqui nunca estão longe um do outro o poeta, o artista, o erudito e o homem de ciência, sempre se encontram e coadjuvam e completam e dessa aproximação resulta que, nesta rara fortuna, a arte é tão abundada e avigorada de ciência em que se funde quanto a ciência é iluminada de esplêndida arte que a enriquece.

Mais e supremo. Nesta aparente versatilidade e dispersão não se transviaram, e mt.^o menos se contraditaram, o homem de ciência, o poeta e o artista cujas actividades se acumularam e são contemporâneas; nem sequer o idealismo abdicou perante o homem prático ou o homem prático alguma vez se malquistou com o idealista. Porque nasceram da mesma fonte, beberam duma só veia, consubstanciaram-se num só pensamento e no mesmo culto, verdadeiramente professaram, ardentemente, numa só religião.

Emerson, no seu aforismo que corre mundo como lei universal, exigiu-nos que por nossa honra, cada um de nós «prendesse o carro a uma estrela». E o Senhor Dr. Alberto Souto fielmente cumpriu essa lei e eloqüentíssimamente demonstra a fecundidade e a dignidade da obediência a tão alto preceito.

Porque prendeu o seu carro a uma estrela e

a sua estrela é a sua terra, o chão que o criou e a afeição materna que o embalou e o alimentou das suas seivas. Ou cante o marulhar das águas ou escave as ruínas dos castros e das pedras, a decifrar-lhes os enigmas que lá estão gravados, ou recolhido como monge e apóstolo entre as quatro paredes austeras do claustro da Princesa Santa se dedique a adornar-lhe os altares da sua arte, a sua musa é a sua terra. Sempre e ansiosamente avista a sua terra e lhe manda os seus alentos e lhe ergue o fumo de incenso do seu turíbulo; sempre lhe entoa os coros do seu sonho e lhe divisa o cortejo das suas divinas formas esplendidas, sempre lhe ausculta o coração e lhe interroga os segredos, sempre lhe murmura a sua oração rogando a Deus que a engrandeça.

Tal é o homem cuja superioridade os poderes do estado reconheceram, em nome da nação pondo-lhe ao peito a crença de S. Tiago.

Digne-se este homem eminente acolher-nos no âmbito da sua amizade, aceitando a singela homenagem que, em nome da sua terra, aqui vimos prestar-lhe; e por amor de sinceridade que a purifica perdoe a palidez da modéstia em que é jurada.

Jaime de Magalhães Lima